

18º CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA

EDUCAÇÃO E SOCIEDADE

Eliton da Costa Rocha
UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO (USP)

CURSINHOS POPULARES PARA O ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS
DE ESTUDANTES E PROFESSORES PARA INGRESSO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE
EXCELÊNCIA NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Brasília/DF
26 a 29 de Julho
2017

CURSINHOS POPULARES PARA O ENSINO MÉDIO:

UM ESTUDO SOBRE AS ESTRATÉGIAS DE ESTUDANTES E PROFESSORES PARA INGRESSO EM UMA ESCOLA PÚBLICA DE EXCELÊNCIA NA REGIÃO METROPOLITANA DE SÃO PAULO

Esta comunicação apresenta alguns dos resultados da dissertação de mestrado defendida na USP (UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO) em 2015, intitulada “Condições para a aquisição do capital cultural no Ensino Médio”, que trata das condições de formação de alunos e do exercício da docência nas escolas técnicas estaduais em relação às escolas regulares na formação básica. O trabalho comparou duas escolas públicas, uma técnica e outra regular, e um cursinho popular preparatório para a entrada em escolas técnicas na região administrativa de Franco da Rocha, parte periférica da Grande São Paulo.

Inicialmente fez-se necessário pensar sobre o papel da escola pública e os referenciais teóricos que dariam suporte para a pesquisa. Estas primeiras questões foram encontrando suporte principalmente com alguns conceitos de Michel Foucault (1987) no que diz respeito ao desenvolvimento do espaço escolar e das relações de “domesticação dos corpos” implícitas no espaço; mas fundamentalmente o arcabouço teórico e metodológico das pesquisas de Pierre Bourdieu foi fundamental, sobretudo, pelos conceitos de *capital cultural*, *habitus* e *campo* como pontos de partida para uma reflexão sobre o “campo” cultural da Escola Pública.

Vale ressaltar que, até mesmo a manutenção da estrutura física das escolas e sua dimensão arquitetônica também podem ser fatores que contribuem para a formação de suas dinâmicas internas e culturais (Escolano, 2001), assim como os valores atribuídos em decorrência ao uso de uniformes; do estado estético do local¹; dos status simbólicos atribuídos aos diplomas e outros detalhes cotidianos que, uma análise sociológica participativa apurada

¹ “Estado estético” refere-se aqui à questão da manutenção e limpeza dos ambientes escolares, que durante algumas entrevistas preliminares e por meio da observação da interação dos alunos e professores com o ambiente escolar, tem aparecido como uma questão importante na atribuição de valor simbólico para instituição de ensino específica.

pode elucidar, como em *Retorno à condição operária* (Beaud, S.; Pialoux, M., 2009), no qual é feita uma pesquisa minuciosa sobre as escolas técnicas francesas, apresentando uma riqueza de detalhes sociológicos e antropológicos para a análise das relações simbólicas em questão.

A criação de um ambiente escolar e também de uma cultura escolar remonta aos primórdios das instituições de ensino e da formação pedagógica de professores. Desde o começo da história das culturas escolares, com Jean Baptiste de la Salle (1651- 1719) o qual criou a Irmandade das Escolas Cristãs, até os dias de hoje, muito mudou-se no ambiente escolar e na sua significação social. Mas o ambiente escolar ainda segue como parte crucial na formação das engrenagens sociais, principalmente após a Revolução Francesa (1789-1799), seja forma de assimilação das ideologias liberais, como meio de estratégias políticas ou como mecanismo de difusão e legitimação de uma cultura.

Em uma reflexão sobre o papel da escola nas sociedades modernas, urbanizadas, industrializadas e escolarizadas o papel das instituições escolares tornou-se historicamente detentor da legitimação da boa educação e da formação dos indivíduos, tanto que o sistema meritocrático, como conjunto de valores e de crenças, tornou-se a um valor intrínseco à cultura ocidental. O ambiente escolar, a “forma escolar”, como dizem Guy Vincente e B. Lahire (2011) tornou-se o espaço por excelência de formação das novas gerações e um dos principais veículos de difusão do conhecimento legítimo.

Durante o século XX, os sistemas de ensino continuaram a se expandir, a incluir novos atores sociais, como as mulheres, os mais pobres, os deficientes. No Brasil não foi diferente, esta expansão deu-se lenta e historicamente com um flagrante déficit das vagas de Ensino Médio, em especial, nos ciclos finais da escolarização. O ensino médio, durante muito tempo, foi quase monopolizado pela iniciativa privada, basta lembrar que até 1940 a capital paulista possuía apenas três ginásios públicos que ofereciam o ensino secundário (Spósito, 1984), os demais eram oferecidos pelas escolas privadas (Perosa, 2009).

A lenta expansão dos estabelecimentos de ensino secundário públicos não impediu que a escola no Brasil fosse ganhando cada vez mais legitimidade, como um veículo de ascensão social e de difusão da cultura

socialmente legítima. Outro ponto a ser considerado refere-se ao campo teórico de Michel Foucault (1987) que, em sua análise sobre o poder disciplinar, discute o jeito como as instituições sociais (escolas, hospitais, presídios...) são estruturadas, nas suas diversas instâncias de, forma que possam transformar as pessoas em “corpos dóceis”, no que diz respeito à incorporação das formas de poder social e ao controle do corpo, no intuito de que o sujeito possa assimilar uma auto regulação de seus “instintos” e se torne “domesticado” ao trabalho e ao convívio social pacífico e se enquadre nos padrões de “normalidade” estabelecida. Como diz Foucault (ANO, p. 117-118),

[...] em qualquer sociedade, o corpo está preso no interior de poderes muito apertados, que lhe impõem limitações, proibições ou obrigações. Muitas coisas, entretanto, são novas nessas técnicas. A escala, em primeiro lugar, do controle: não se trata de cuidar do corpo, em massa, grosso modo, como se fosse uma unidade indissociável, mas de trabalhá-lo detalhadamente; de exercer sobre ele uma coerção sem folga, de mantê-lo ao nível mesmo da mecânica — movimentos, gestos atitude, rapidez: poder infinitesimal sobre o corpo ativo. O objeto, em seguida, do controle: não, ou não mais, os elementos significativos do comportamento ou a linguagem do corpo, mas a economia, a eficácia dos movimentos, sua organização interna; a coação se faz mais sobre as forças que sobre os sinais; a única cerimônia que realmente importa é a do exercício [...] A cada vez, ou quase, impuseram-se para responder a exigências de conjuntura: aqui uma inovação industrial, lá a recrudescência de certas doenças epidêmicas, acolá a invenção do fuzil ou as vitórias da Prússia. O que não impede que se inscrevam, no total, nas transformações gerais e essenciais que necessariamente serão determinadas.

Nestas perspectivas, a escola com o tempo acabou assumindo um papel de disseminadora desse condicionamento, estabelecendo as regras, criando as “boas maneiras” e os “bons costumes” em acordo com a necessidade do poder político, religioso, econômico e social. Tendo em vista que a mesma assumiu o papel de difusora da normalização, estar de acordo com as suas exigências criaria as predisposições necessárias para a “aceitação” na cultura social dominante. Logo este tipo de capital simbólico tornava-se almejado nas classes que buscavam ascensão social.

Partindo destes pressupostos condicionantes das instituições escolares, o jogo social se configura, criando um ambiente em parte excludente, mas também em parte proporcionador de elementos necessários para os alunos

conseguirem desenvolver suas potencialidades dentro do jogo social. Esta estrutura pode encontrar na figura de determinados professores ou atores sociais do ambiente escolar uma potencialização dos projetos escolares, devido às condições de suas trajetórias; suas finalidades com a carreira do magistério e seu lugar dentro do jogo escolar.

Estes projetos muitas vezes são pautados na *docilização* dos estudantes, para a vida do trabalho e para cumprir o seu papel social, porém, em alguns casos estes projetos estão configurados para uma busca de ascensão no jogo social. A relevância de se buscar uma exposição e compreensão para casos de êxito no Ensino Médio das escolas públicas se faz de vital importância, uma vez que esta etapa do ensino básico, tão crucial para os jovens na determinação de sua vida adulta e profissional, está em crise.

O desempenho do discente pode ser influenciado por diversos fatores decorrentes de sua posição familiar na estrutura social², tais como: qualidade do ensino ofertado; padrão socioeconômico da família; necessidade de ingresso ao mercado de trabalho; local em que cursa ou cursou o Ensino Médio (rede pública ou privada de ensino; descontinuidade das políticas educacionais, dentre outros.

Perosa *et al* (2015)³, aponta que:

A busca por uma escola com 'uma estrutura melhor', a decisão de investir mais dinheiro no ensino secundário, de cotar o preço das escolas e tentar calcular o valor do serviço comercializado, por meio da utilização dos rankings escolares, se misturam às estratégias de evitamento e de certa forma de distinção social. (...) Vemos que neste mercado escolar, há concorrência pela clientela, variação dos preços e dos serviços oferecidos (cursos extracurriculares, período integral, etc.). Em oposição às escolas "do Estado", igual para todos, a escola 'particular' tende a ser percebida como uma aposta inequívoca na boa formação escolar e o investimento socialmente legítimo para aqueles que devem sua posição social às suas credenciais escolares.

Como dito anteriormente, durante o período que compreendeu o século XX, notou-se uma grande expansão do acesso ao sistema de ensino como um todo. Este rápido crescimento revelava as disparidades das estruturas escolares da rede pública e da rede privada. Fatores como progressão no sistema de ensino ou o acesso a um nível educacional de acordo com as

²Perosa *et al.*, 2015. **O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo.**

³Perosa *et al.*, 2015. *Distinções nos grupos populares e oferta escolar em São Paulo.*

características sociais e geográficas das famílias, são apenas algumas dentre as inúmeras variáveis existentes que corroboram para embasar a percepção das famílias sobre a qualidade do ensino oferecido na rede pública em relação à qualidade de ensino oferecida na rede privada de ensino. A variação da renda familiar também afeta diretamente o número de matriculados nas escolas das redes públicas e privadas de ensino: famílias detentoras de maior renda e escolaridade optam, em sua maioria, por matricular seus filhos em instituições privadas. Por outro lado, os grupos com menor renda e menor grau de instrução tendem a matricular seus filhos em escolas da rede pública de ensino (PEROSA *et al*, 2015).

Nos últimos anos, a sociedade civil passou a ocupar um espaço que antes eram controlados exclusivamente pelo Estado. A preocupação com uma educação pública de qualidade tomou forças e passou a mobilizar outros atores na busca de um sistema de ensino equânime e de qualidade. O setor privado, por exemplo, – sempre tão exigente com a qualificação de mão de obra –, se envolveu na busca por melhorias na qualidade do ensino ofertado no sistema público (MARQUES *et al*, 2007).

Segundo Viamonte (2011, p29.),

o contexto político, econômico e cultural da sociedade, mediado pelo avanço da ciência e da tecnologia, interfere nas relações de educação e trabalho, gerando novas formas de organização do trabalho escolar nos vários níveis e modalidades de ensino.

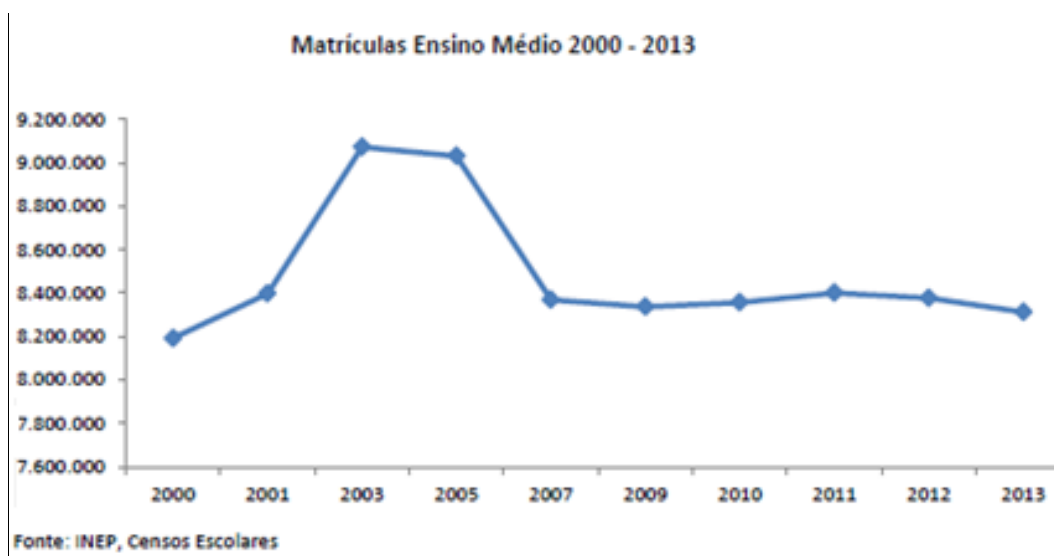
As Leis de Diretrizes e Bases define no Artigo de nº 35 que a última etapa da Educação Básica no Brasil compreende o Ensino Médio. Esta tem duração mínima de três anos, sendo ofertado preferencialmente à população de 15 a 17 anos – mas, em decorrência de inúmeros fatores, o Ensino Médio atende parte da população entre 18 e 19 anos. O Ensino Médio pode, também, oferecer de maneira concomitante ao ensino regular o ensino profissionalizante (ensino técnico), tanto nas unidades de ensino como através de parcerias com instituições especializadas em educação profissional (como disposto no Art. 36 da Lei nº 11.741/08)⁴.

⁴Para mais informações, consultar o *Relatório Educação para Todos no Brasil 2000-2015*.

Embora o Ensino Médio seja a última etapa necessária para conclusão da educação básica, a evasão e o abandono escolar são problemas constantes em nossa rede de ensino, assim como a falta de oportunidades no mercado de trabalho, frutos da má qualificação destes jovens.

Nos últimos anos, foi possível observar um crescimento no número de matrículas dos alunos: em 2000, haviam 8.192.948 alunos matriculados na rede de ensino; em 2013, este número aumentou para 8.312.815 alunos. Este aumento implica em um crescimento de apenas 1,01% de matriculados na Rede, mas ao analisarmos a tendência de crescimento da rede de ensino nos últimos anos, é possível observar que houve uma retração em sua expansão⁵:

Gráfico 1 – Matrículas de Ensino Médio entre os anos 2000 e 2013



A queda no número de matriculados pode ser explicada por alguns fatores como: a renda familiar, por exemplo. De acordo com Santos (2007) ⁶, o término do ensino fundamental obrigatório coincide com a idade em que o discente encontra-se apto a trabalhar sem que isso seja considerado exploração do trabalho infantil. As crianças e adolescentes dos setores mais pobres de nossa sociedade passam, portanto, a trabalhar para auxiliar nos gastos da família. Assim, o discente passa a ter dificuldades para conciliar estudos e trabalho, por este motivo, acaba por abandonar os estudos e, por

⁵Para mais informações, consultar o *Relatório Educação para Todos no Brasil 2000-2015*.

⁶*Abandono da escola é mais preocupante no ensino médio e na educação de jovens e adultos*, UFMG – 2007.

necessidade, ingressar no mercado de trabalho

Segundo dados da Fundação Seade⁷, apenas metade da população entre 15 e 17 anos cursa o Ensino Médio – a proporção de alunos que abandonaram a escola nos últimos dez anos mais do que dobrou. O grupo de jovens conhecidos como “nem-nem” (jovens que nem estudam e nem trabalham) corresponde a 24% da população na faixa etária dos 18 anos; em sua maioria, são jovens cujas famílias possuem renda inferior a dois salários mínimos.

Entre 2002 e 2012, o crescimento percentual do número de alunos no Ensino Médio foi de 3,5% para famílias que recebiam até dois salários mínimos per capita. Este indicador aponta para uma mudança comportamental no perfil das famílias que optam por matricular seus filhos no ensino médio privado: esta modalidade de ensino tornou-se mais acessível às famílias. Em 2002, aproximadamente 25% dos alunos de ensino médio da rede privada pertenciam a famílias cuja renda era de até três salários mínimos; em 2012, este percentual aumentou para 35% (SEADE, 2014).

Tabela 1: Participação da rede privada nas matrículas, por nível de ensino, segundo renda domiciliar per capita

Participação da rede privada nas matrículas, por nível de ensino, segundo renda domiciliar per capita				
Estado de São Paulo – 2002-2012				
Renda domiciliar per capita	Em porcentagem			
	Ensino fundamental		Ensino médio	
	2002	2012	2002	2012
Até 2 salários mínimos	8,4	18,1	6,2	9,7
Mais de 2 até 3 salários mínimos	25,3	37,1	19,7	35,4
Mais de 3 até 5 salários mínimos	52,0	73,2	49,2	68,8
Mais de 5 salários mínimos	48,8	87,9	62,1	78,6

Fonte: Seade, 2014.

Outro fator que pode contribuir para o abandono das salas de aula é a percepção de qualidade do ensino que é ofertado: problemas adquiridos ao

⁷CASTRO, M.H.G., TORRES, H.G.; FRANÇA, D. Os Jovens e o gargalo do Ensino Médio no Brasil.

longo do ensino fundamental (como dificuldades no processo de alfabetização, por exemplo); o aluno desmotivado a aprender dá preferência ao mercado de trabalho do que às salas de aula.

O crescimento das redes privadas de ensino chamou a atenção nos últimos anos. Entre 2002 e 2013, foram inauguradas mais de 2.600 escolas de ensinos fundamental e médio. Só em 2013, mais de 275 mil alunos se matricularam na rede privada de ensino para cursar o Ensino Médio. A rede pública, por sua vez, sofreu uma queda de 10% nas matrículas (cerca de 180 mil alunos a menos matriculados em escolas públicas para cursar o Ensino Médio), embora 2.000 novas escolas públicas de ensino básico tenham sido inauguradas neste mesmo período.

A evasão escolar ainda é uma preocupação constante, mesmo após a implementação de políticas de aumento no número de matrículas na rede. Indo para além das dificuldades econômicas, podemos citar a falta de motivação dos discentes em prosseguir com os estudos: Krawczyk (2011) afirma que:

Muitas vezes, sua motivação está bastante associada à possibilidade de recompensa, seja por parte dos pais, seja pelo ingresso na universidade. A questão está nos grupos sociais para os quais o ensino médio não faz parte de seu capital cultural, de sua experiência familiar; portanto, o jovem, desses grupos, nem sempre é cobrado por não continuar estudando. É aí que está o desafio de criar a motivação pela escola.

Os alunos ingressam no Ensino Médio com bagagens sociais e culturais bastante diversificadas. Nesta etapa de suas vidas, alguns alunos apresentam dificuldades em se adaptar ao novo ambiente escolar; a busca por um espaço de convívio social, respeito às diferenças e aprendizado refletem diretamente sobre a aceitabilidade do aluno. Segundo Azevedo & Reis (2013), Freire, afirma que a

“ausência de diálogo entre os objetivos da escola, do professor, do aluno e da família. A falta de consonância entre as metas desses quatro personagens acaba acarretando: altos índices de rejeição discente à escola; responsabilização do professor, taxado como malformado; atribuição do fracasso discente ao educando, aos contextos familiares e suas situações socioeconômicas. Assim, esses estudantes são desafiados a resistir em meio a uma escola que tem preceitos de ação calcados na “pedagogia bancária” (AZEVEDO & REIS, 2013).

Para amenizar as dificuldades enfrentadas pelo aluno, é necessário que a rede pública de ensino passe a respeitar e efetivar os direitos à educação diferenciada, a interculturalidade no ambiente singular de cada *cultura escolar*, oferecendo um ensino de qualidade e comunitário, visando, também, populações frequentemente atingidas pela exclusão escolar (indígenas, quilombolas e deficientes). Ao reconhecer que cada aluno é um indivíduo com características diversificadas, culturas e hábitos diferentes entre si, a rede passa a reconhecer e a garantir o direito de todos os alunos a concluir o ensino básico, qualificando-se para adentrar ao mercado de trabalho ou, para ingressar no ensino superior. (UNICEF, 2014).

Esse reconhecimento da singularidade dos alunos e a relação com os professores, é de fundamental importância para a compreensão do sucesso escolar no Ensino Médio. Posto a crise existente nas escolas públicas resta pensar as formas de lidar com esta crise dentro das possibilidades existentes, mas, principalmente, pensando nos bons resultados que o ensino médio das ETECs estão conquistando; a pesquisa faz um mergulho na “cultura escolar”⁸ (Juliá, 2001) destes ambientes distintos, buscando apreender quais são os elementos primordiais destes resultados.

Segundo o portal do Centro Paula Souza que é a instituição responsável pela manutenção e administração das ETECs, via Secretaria de Ciência e Tecnologia do Estado de São Paulo:

O Centro Paula Souza iniciou suas atividades em 6 de outubro de 1969. Mas as primeiras reuniões do Conselho Estadual de Educação para a criação da instituição aconteceram em 1963, quando surgiu a necessidade de formação profissional para acompanhar a expansão industrial paulista. A ideia de criar um Centro Estadual voltado para a Educação Tecnológica ganhou consistência quando Roberto Costa de Abreu Sodré assumiu o governo do Estado de São Paulo, em 1967. Em outubro de 1969, o governador Abreu Sodré assinou o Decreto-Lei que criou a entidade autárquica destinada a articular, realizar e

⁸Como Juliá mesmo afirma sobre a análise da cultura escolar que é um, “abrir a caixa preta da escola”, buscar compreender melhor os acontecimentos desse ambiente escolar ou como defendia André Chervel, a escola tem a capacidade de produzir uma cultura própria, original e singular. (VIDAL, 2005).

desenvolver a educação tecnológica nos graus de ensino Médio e Superior.⁹

Esta instituição surgiu a partir de uma necessidade de se criar uma educação tecnológica¹⁰, em nível médio e superior. Porém, é importante citar, para que se possa compreender um pouco melhor as motivações destes alunos, pode-se ver que: nas últimas edições do ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio) ¹¹ as ETECs obtiveram notas expressivas em comparação com as escolas regulares.

Os resultados divulgados em 2011¹², pelo Ministério da Educação, referentes às provas realizadas em 2009, indicam que, dentre as 50 escolas públicas estaduais do Brasil com melhores resultados, 34 são ETECs. Entre as 50 melhores escolas públicas regulares paulistas, 41 são ETECs.

Das 50 escolas estaduais mais bem colocadas na classificação no Estado de São Paulo, 44 fazem parte das ETECs. A Escola Técnica de São Paulo (ETESP) ficou como a melhor escola estadual de Ensino Médio paulista. Em nível brasileiro, é a 2ª dentre as estaduais e na capital. Configura o 17º lugar entre públicas e privadas. Na capital paulista, das 10 escolas públicas com melhor pontuação, nove são ETECs. Das 89 ETECs que participaram do Enem, 11 ficaram em primeiro lugar em seus respectivos municípios, entre as públicas e as privadas. De acordo com o Centro Paula Souza, existem 218 ETECs em 160 municípios de São Paulo.¹³

As duas escolas usadas como referência desta pesquisa situam-se na microrregião de Franco da Rocha da região metropolitana de São Paulo, composta por cinco municípios: Franco da Rocha, Caieiras, Francisco Morato, Mairiporã e Cajamar. Trata-se de uma região localizada ao norte do município de São Paulo e nas imediações da Serra da Canteira (Mapa 1). Segundo o Censo Demográfico do IBGE (2010), esta microrregião possui 453.684 mil habitantes que residem em uma área de 600km².

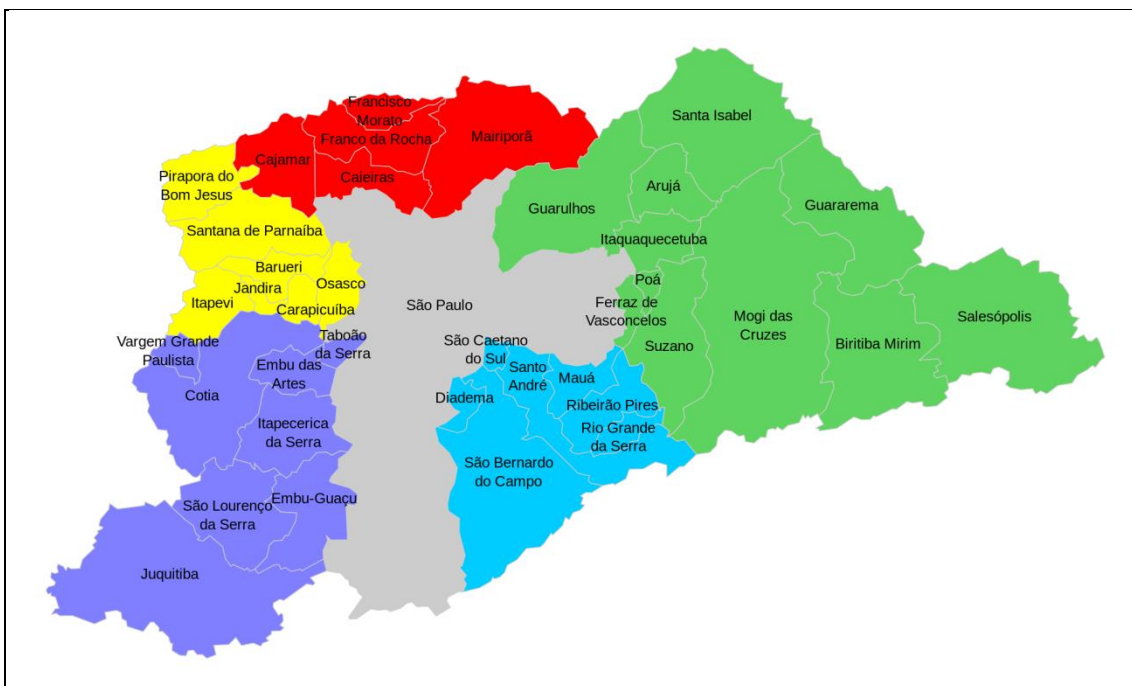
⁹ Dados extraídos do: <http://www.centropaulasouza.sp.gov.br/quem-somos/perfil-historico/> última visualização em 15.10.13.

¹⁰ Lembrando que nos PCNs (Parâmetros Curriculares Nacionais) do ensino médio de 2000, prevê no Art. 36. I a educação tecnológica básica.

¹¹ O Exame Nacional do Ensino Médio tornou-se nos últimos 10 anos um dos exames mais importantes para os jovens que pretendem entrar no ensino Superior, e importante referencial de medição de qualidade de ensino nas escolas.

¹² até a data desta pesquisa os resultados de 2012 ainda não tinham sido divulgados

¹³ Número de ETECs em Outubro de 2014.



Mapa 1: Região metropolitana de São Paulo (Divisão administrativa da Secretaria Estadual de Educação)

A ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar está localizada no município de Franco da Rocha, no edifício no qual funcionava o antigo CEFAM (Centro de Formação para o Magistério) a 2 km do centro da cidade. Além da estrutura física, pode-se dizer que a ETEC herdou do CEFAM o prestígio e o capital simbólico associado a este estabelecimento de ensino.

A Escola Estadual de Primeiro e Segundo Grau, Geraldi Serrano, situa-se no município de Francisco Morato, antigo distrito de Franco da Rocha que se tornou independente em 1965. Em comparação com Franco da Rocha, Francisco Morato possui uma área geográfica menor e maior densidade populacional.¹⁴ Trata-se do município mais pobre desta microrregião e que possui os índices mais altos de violência. Estas características sócio-demográficas dos dois municípios estão presentes também no senso comum das pessoas que vivem na região e muito recorrentes nas entrevistas e conversas informais que se obteve durante a realização da pesquisa com a comunidade escolar em geral.

¹⁴Francisco Morato possui 165.538 habitantes, em uma área de 49,073km² e uma densidade de 3.143,32hab/km². Franco da Rocha possui 131 366 habitantes e a área é de 133,9 km², o que resulta numa [densidade demográfica](#) de 931,9 hab/km². Fonte: IBGE- 2010.

Objetivando estas representações do senso comum das regiões nas quais estão inseridas as duas escolas, é interessante observar a tabela do IDH (Índice de Desenvolvimento Humano) em comparações com São Caetano do Sul (por ter o melhor IDH do Estado), São Paulo e Campinas (como metrópoles de referencia), Caieiras, Mairiporã, Franco da Rocha, Cajamar, Campo Limpo Paulista e Jundiaí (cidades vizinhas que com exceção destas duas últimas, fazem parte da mesma Diretoria de Ensino).

Tabela 2: Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) 2010

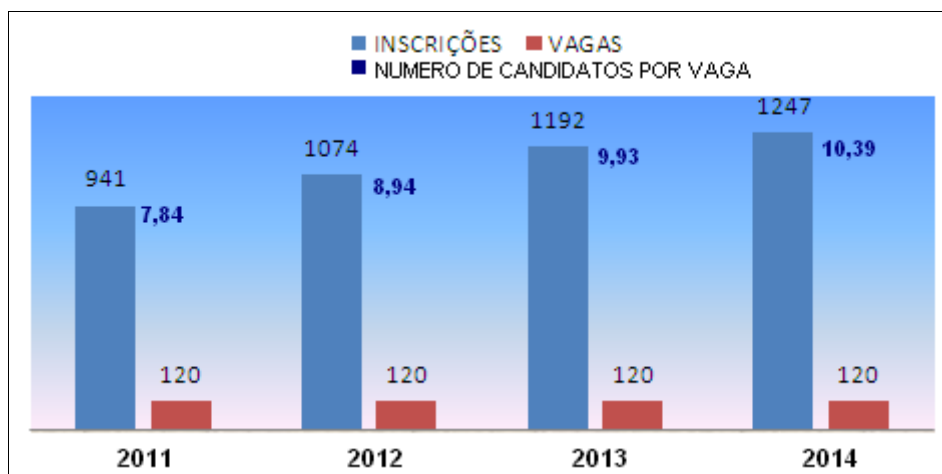
Ranking IDHM 2010	Município	IDHM 2010	IDHM Educação 2010
1 °	São Caetano do Sul (SP)	0,862	0,811
11 °	Jundiaí (SP)	0,822	0,768
28 °	São Paulo (SP)	0,805	0,725
28 °	Campinas (SP)	0,805	0,731
76 °	Mairiporã (SP)	0,788	0,723
119 °	Caieiras (SP)	0,781	0,749
238 °	Campo Limpo Paulista (SP)	0,769	0,739
993 °	Franco da Rocha (SP)	0,731	0,654
1081 °	Cajamar (SP)	0,728	0,668
1811 °	Francisco Morato (SP)	0,703	0,647

Vê-se pelo índice sintético do IDH o quanto Franco da Rocha e Francisco Morato, cidades nas quais se inserem a ETEC e a escola regular focalizada nesta pesquisa, apresentam baixos níveis de desenvolvimento educacional e social. É neste contexto social mais amplo que as experiências de escolarização investigadas neste estudo precisam ser consideradas. No contexto destas periferias da cidade de São Paulo a ETEC corpus desta pesquisa representa um equipamento público da maior importância, dado os bons resultados acadêmicos que obtém. O número crescente de candidatos no exame de ingresso desta ETEC, como se pode ver no *Gráfico 2*, expressa essa percepção por parte dos alunos e das famílias residentes no entorno de Franco da Rocha.

Em sua primeira participação no ENEM (2010), segundo dados do MEC, a ETEC Dr. Emílio Hernandez Aguilar figura na 21° colocação entre as 50 melhores escolas públicas paulistas e em 17° dentre todas as 129 ETECs

participantes.¹⁵ Vale ressaltar que a procura pelo ensino médio das ETECs vem crescendo de forma contínua. Por exemplo, nesta mesma ETEC em Franco da Rocha, o número de concorrência por vaga no ensino médio está crescendo gradualmente e a oferta de vagas não se alterou.

Gráfico 2 – Relação Candidato x Vaga, 2011 a 2014.



Sabendo que o número médio de alunos provenientes de escolas públicas entre 2011 – 2014 manteve a faixa de 65% das matrículas¹⁶, nota-se ainda, que a grande procura pela ETEC pode ser considerada mais um indicador da crise das escolas públicas regulares de ensino.

Além de evidenciar a crise das escolas regulares, esses números sugerem a posição desta ETEC na região como herdeira do CEFAM e ajudam a explicar sua fama de melhor escola da diretoria de ensino. De fato, trata-se de uma escola com alunos que provenientes, em boa parte, da rede estadual comum de educação¹⁷ que foram aprovados em um exame de seleção (Vestibulinho) e cursam o Ensino Médio regular em uma unidade de ensino conhecida por ser uma ótima escola do ponto de vista educacional, ou seja, capaz de preparar seus alunos para obter um bom desempenho em provas

¹⁵ Dados divulgados pelo Ministério da Educação (MEC) 12/09/11.

¹⁶ Este número corresponde aos alunos que estudaram integralmente na rede pública, havendo ainda uma variedade de alunos que estudaram com bolsa em escolas particulares e parcialmente em escola pública.

¹⁷ Em uma pesquisa feita com os alunos ingressantes em 2012, no universo de 110 alunos do 1º ano do E.M 55% dos alunos estudaram integralmente em escolas públicas; 18% integralmente em escolas particulares; 18% maior parte em escolas públicas e 9% a maior parte em escolas particulares e a média de alunos integralmente de escolas públicas se manteve com pequenas variações (0,1%) até 2014.

(ENEM), exames de seleção (vestibular/Fuvest), concursos e boas posições no mercado de trabalho¹⁸.

(Aqui que acredito que seja necessário um parágrafo para melhor compreensão, do que é o cursinho)

Neste contexto o cursinho surgiu da grande demanda por estudos especializados para o ingresso nas escolas mais concorridas, criado e realizado por professores voluntários com a frequência média de 400 alunos de ensino fundamental que buscam passar no processo seletivo para o Ensino Médio. O objetivo é oferecer algumas pistas para explicar a emergência destes cursinhos que se difundiram em várias escolas a partir da análise do caso particular da escola Geraldi Serrano, localizada em Francisco Morato, que possui cerca 2400 alunos, destes 1155 de Ensino Fundamental.

A emergência de cursinhos destinados aos estudantes do Ensino Fundamental II em escolas públicas regulares é resultado do êxito das ETECs e escolas seletivas do mesmo gênero. Mesmo se considerarmos que os rankings produzidos pela imprensa a partir dos resultados do ENEM têm os primeiros lugares quase monopolizados pelas escolas privadas, o fato de que as ETECs ocupem posições superiores às escolas estaduais regulares e mesmo a muitos estabelecimentos privados de ensino gera forte interesse para os jovens que buscam trilhar os caminhos da escolarização prolongada. O crescimento da procura pelas ETECs é uma prova disso.

Globalmente, os professores que criaram os cursinhos Pré-ETEC justificam sua iniciativa como uma tentativa de ajudar os alunos mais dispostos ao estudo das escolas estaduais regulares, oferecendo-lhes condições de estudo melhores do que as que foram disponíveis a eles. Eles argumentaram que o rendimento dos alunos melhora no cotidiano escolar pela incorporação da responsabilidade com o “estudo sério”. Os cursinhos seriam ainda eficazes para fortalecer uma identidade de grupo assentada sobre a representação de um grupo de estudantes que optou pelo “estudo sério”. Nesta situação, o vínculo entre eles tenderia a se fortalecer e o investimento escolar aumentar.

¹⁸ Uma referência importante na compreensão dos objetivos do Ensino Médio está na “Proposta de currículos por competências”, fornecido para todos os professores pelo Centro Paula Souza, onde os objetivos são distribuídos em: a) construção da identidade dos alunos; b) preparação para a vida; c) preparação para a continuidade dos estudos; d) preparação para o mundo do trabalho; e) exercício da cidadania ativa.

A compreensão por meio da pesquisa o *campo* da ETEC e da escola regular estadual trouxe a possibilidade de compreender a tendência social da criação dos cursinhos e o trabalho de engajamento dos professores neste contexto.

Para a compreensão das dinâmicas internas destas escolas e do cursinho, foram aplicados questionários com 300 alunos dentre a escola pública regular, a escola técnica de excelência e o cursinho preparatório; realizou-se pesquisa participante nos moldes da etnografia urbana e entrevistas com os professores engajados destes espaços, além da análise de dados estatísticos, e da análise das dinâmicas internas e estruturais do próprio espaço escolar. Buscou-se uma compreensão e reflexão sobre as estratégias educativas bem sucedidas no âmbito destas escolas públicas.

A pesquisa evidencia a busca ,cada vez mais precoce, de estudantes por estratégias de ascensão social por meio da escolarização através do Ensino Superior, a força presente nos trabalhos de engajamento professoral e os resultados positivos do trabalho feito em certas estruturas educacionais em relação ao modelo padrão das escolas estaduais.

Esta pesquisa buscou apresentar alguns pontos das relações de uma cultura escolar específica como a ETEC de Franco da Rocha em relação ao cursinho Pré-ETEC, que pode ser usada para expandir pesquisas e discussões posteriores sobre espaços de dinâmicas similares ou análogos. Alguns pontos, apresentados aqui, podem servir de pistas para tendências e referências de mudanças de concepções.

Um ponto a ser enfatizado é a crescente procura de alunos de escolas públicas e privadas para as ETEC's de excelência e escolas do mesmo gênero, podendo representar uma tendência em regiões onde estas escolas se relacionam, apontando também uma mobilidade de alunos tendo como referência a qualidade escolar.

Outro ponto destacado é a valorização e reconhecimento de escolas públicas bem estruturadas e iniciativas de professores engajados, apresentando as consequências em diversos aspectos dos investimentos feitos por estes dois aspectos cruciais da educação de qualidade. Neste trabalho, uma pista central é a consequência de criação e demanda dos cursinhos Pré-

ETEC, também, uma necessidade cada vez mais precoce de estratégias de preparação dos jovens para exames de seleção como os vestibulares ou vestibulinhos.

Tanto a criação dos cursinhos para a entrada nestas escolas, como o reflexo destas iniciativas nos alunos, nas escolas públicas e particulares, exigem atenção e o olhar de futuras pesquisas, uma vez que a proposta desta dissertação era explorar e apresentar este universo presente nas culturas escolares em uma periferia da região metropolitana de São Paulo.

REFERÊNCIAS BÁSICAS

- ALMEIDA, A. M. F. *As escolas dos dirigentes paulistas: ensino médio, vestibular, desigualdade social*. Belo Horizonte, 2009.
- BEAUD, S.; PIALOUX, M. *Retorno à condição operária*. Investigações em fábricas da Peugeot na França. São Paulo, Boitempo, 2009.
- BOURDIEU, P. *A distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, EDUSP, 2007
- _____. *Escritos de educação*. Petrópolis: Vozes, 1998.
- _____. *Coisas Ditas*. São Paulo, Editora Brasiliense, 1990.
- BRASIL, *As Desigualdades na Escolarização no Brasil: Relatório de observação nº 5*. Brasília: Presidência da República, Conselho de Desenvolvimento Econômico e Social – CDES, 2014, p. 60. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/desenvolvimento/wp-content/uploads/2014/11/CDES_Relat%C3%B3rio_de_Observa%C3%A7%C3%A3o_5_2014.pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2014.
- CAMELO, R. *A educação privada em São Paulo: expansão e perspectivas*. 1ª Análise Seade, nº 19. São Paulo : Out. 2014. Disponível em: <http://www.seade.gov.br/wpcontent/uploads/2014/11/primeira_analise_n19pdf>. Acesso em: 23 de maio de 2014.
- CASTRO, M. H. G.; TORRES, H. G.; FRANÇA, D. *Os Jovens e o gargalo do Ensino Médio no Brasil*. 1ª Análise Seade, nº 5. São Paulo: Ago. 2013. Disponível em: <https://www.seade.gov.br/wpcontent/uploads/2014/06/Primeira_Analise_n5_a_gosto_2013.pdf>. Acesso em: 25 de Maio de 2014..
- ESCOLANO, Agustín. *Arquitetura como programa: espaço-escola e currículo*. In: VIÑAO FRAGO, Antonio; ESCOLANO, Agustín. *Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa*. Tradução: Alfredo Veiga-Neto. 2. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001. p. 19-57.
- FOUCAULT, M. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2005.
- _____. *Vigiar e punir: história da violência nas prisões*. 5. ed. Petrópolis: Vozes, 1987.
- FRAGO, A. V.; ESCOLANO, A. *Currículo, espaço e subjetividade*. Rio de Janeiro, DP&A, 2001.

JULIÁ, D. *A cultura escolar como objeto histórico*. Revista Brasileira de História da Educação. São Paulo 2001, p. 9-44.

KRAWCZYK, N. *Reflexão sobre alguns desafios do ensino médio no Brasil*

hoje. V.41 N.144 SET./DEZ. 2011. Disponível em:

<<http://www.scielo.br/pdf/cp/v41n144/v41n144a06.pdf>>. Acesso em: 23 de Abril de 2015.

MARCO, O.; E. P. *Les classes moyennes ET La ségrégation urbaine*.

DeBoeckUniversité | Education et sociétés no 14– 2004/2, p. 135-153.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Relatório Educação para Todos no Brasil 2000-2015*. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_content&view=article&id=20514:consulta-publica-ao-relatorio-educacao-para-todos-no-brasil-2000-2015&catid=454&Itemid=86>. Acesso em 23 de maio de 2015.

PERALVA, A. T.; SPOSITO, M. P. Espaço Aberto, nº 5 e nº 6, 1997.

PEROSA, G. S.; DANTAS, A. S.; MARCON, H. S. *Distinções nos grupos populares e oferta escolar em São Paulo*. Revue Brésil(s), 2015.

PEROSA, G., LEBARON, F., LEITE, C. *O espaço das desigualdades educativas no município de São Paulo*. Pró-Posições (UNICAMP. Impresso), v. 27, 2015, p. 77-97

Radar Seade: uma visão das estatísticas de São Paulo em alguns segundos.

São Paulo – Seade, nº 1, Maio/2015. Disponível em:

<http://www.seade.gov.br/produtos/midia/radar/radar_seade_n1.pdf>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.

Reestruturação do ensino médio: pressupostos teóricos e desafios da prática /

organização Jose Clovis de Azevedo, Jonas; Tarcísio Reis. — 1. Ed. — São

Paulo: Fundação Santillana, 2013. Disponível em:

<http://www.educacao.rs.gov.br/dados/ens_med_reestruturacao_ensino_medio.pdf>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.

SILVA, L. D. *Engajamento e Projeto: a dupla raiz de uma possível ética da liberdade*. Revista Estudos Filosóficos , v. 1, p. 1-15, 2014.

SOUZA, L. A.; GARNICA, A. V. M.. *Formação de professores de matemática: um estudo sobre a influência da formação pedagógica prévia em um curso de licenciatura*. *Ciênc. educ. (Bauru)*[online]. 2004, vol.10, n.1, pp. 23-39. ISSN 1980-850X.

- SOUZA, R. F. *Templos de civilização: a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo: (1890 – 1910)*. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. – (Prismas)
- TOMIZAKI, K. *Da militância ao estudo do militantismo: a trajetória de um politólogo. Entrevista com Bernard Pudal. Pro-Posições* [online]. 2009, vol.20, n.2, pp. 129-138. ISSN 0103-7307.
- UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS. *Abandono da escola é mais preocupante no ensino médio e na educação de jovens e adultos*. Disponível em: <<https://www.ufmg.br/online/arquivos/005102.shtml>>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.
- VIAMONTE, P. F. V. S. *Ensino profissionalizante e ensino médio: novas análises a partir da LDB 9394/96*. Educação em Perspectiva, Viçosa, v. 2, n. 1, p. 28-57, jan./jun. 2011. Disponível em: <<http://www.seer.ufv.br/seer/educacaoemperspectiva/index.php/ppgeufv/article/viewFile/67/47>>. Acesso em: 8 de Outubro de 2015.
- VIDAL, D. G. *Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)*. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.
- VIEIRA, A. M. *A arquitetura no espaço-tempo escolar*. Olhares & Trilhas (UFU), Uberlândia, v. 4, p. 43-54, 2003.
- VINCENT, G.; LAHIRE, B; THIN, D. *Sobre a história e a teoria da forma escolar*. Educação em Revista. Belo Horizonte- 33, jun.2001, p. 7- 48.

OUTRAS REFERÊNCIAS DA INTERNET

- Ranking IDHM Municípios 2010. In Atlas do Desenvolvimento Humano no Brasil, 2013. (Com dados dos Censos 1991, 2000 e 2010.) Disponível em: <<http://www.pnud.org.br/atlas/ranking/ranking-idhm-municipios-2010.aspx>>. Acesso em 10 dez 2013
- Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em 10 dez 2013
- Disponível em: <<http://www.passapalavra.info/2009/07/8964/comment-page-1>>. Acesso em 10 dez 2013.